

Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2012 Análise Setorial

Equipe Técnica

Maio de 2012

PRESIDENTE

Paulo Skaf

Departamento de Competitividade e Tecnologia (DECOMTEC)**DIRETOR TITULAR**

José Ricardo Roriz Coelho

DIRETOR TITULAR ADJUNTO

Pierangelo Rossetti

DIRETORIA

Almir Daier Abdalla
Cassio Jordão Motta Vecchiatti
Cláudio Grineberg
Cláudio Sidnei Moura
Cristiano Veneri Freitas Miano (Representante do CJE)
Denis Perez Martins
Eduardo Berkovitz Ferreira
Eduardo Camillo Pachikoski
Elias Miguel Haddad
Fernando Bueno
Francisco Florindo Sanz Esteban
Jorge Eduardo Suplicy Funaro
Luiz Carlos Tripodo
Manoel Canosa Miguez
Marcelo José Medela
Marco Aurélio Militelli
Mario William Esper
Mauricio Marcondes Dias de Almeida
Olívio Manuel de Souza Ávila
Rafael Cervone Netto
Robert Willian Velásquez Salvador (Representante do CJE)
Rodrigo Pintus Gonçalves da Costa (Representante do CJE)
Ronaldo da Rocha
Tarsis Amoroso
Walter Bartels

EQUIPE TÉCNICA**GERENTE**

Renato Corona Fernandes

EQUIPE TÉCNICA

Adriano Giacomini Morais
Albino Fernando Colantuono
André Kalup Vasconcelos
Bento Antunes de Andrade Maia
Célia Regina Murad
Débora Bellucci Modulo
Érica Marques Mendonça
Egídio Zardo Junior
Fernando Momesso Pelai
Guilherme Riccioppo Magacho
Juliana de Souza
Paulo César Morceiro
Paulo Sergio Pereira da Rocha
Silas Lozano Paz

ESTAGIÁRIOS

Bruno Kunzler Roriz Pontes
Mazda Zarif

APOIO

Maria Cristina Bhering Monteiro Flores
Mauricio Oliveira Medeiros

Sumário Executivo

As crises nos países centrais, em especial na Europa, associada às políticas contracionistas adotadas pelo governo brasileiro durante o ano de 2011 criaram um ambiente hostil à expansão da capacidade de produção da indústria, que repercutiu na estagnação do investimento nesse ano.

Em 2012, a despeito de o governo ter alterado a direção das políticas monetária e fiscal, visando incentivar a produção via redução de juros e desonerações pontuais, seu esforço tem sido pouco efetivo, especialmente diante da piora externa. Diante disso, as perspectivas para o investimento neste ano são bastante pessimistas no setor industrial, podendo-se destacar:

- ***O investimento em máquinas e equipamentos deve se retrair 11,0% em 2012***, o que será uma característica tanto dos setores maiores e que investem mais, como o Químico e farmacêutico e o Metalúrgico, quanto dos setores menores e que investem menos, como o de Madeira o de Minerais não metálicos.
- A concentração dos investimentos em maquinário nos principais setores industriais, que já era uma característica marcante em 2011 deve se ampliar: em 2012, ***mais de 60% dos investimentos serão realizados pelos setores de Alimentos e bebidas, Químico e farmacêutico e Veículos.***
- Se os investimentos em máquinas e equipamentos devem se reduzir para quase todos os setores, os demais destinos dos investimentos devem se ampliar para muitos deles. ***Diante da necessidade de produzir com maior eficiência, os setores de Eletrônicos e informática e de Máquinas, equipamentos e materiais elétricos, por exemplo, devem ampliar suas inversões em gestão, inovação e P&D.***

- ***Independente do setor analisado há uma elevada dependência dos recursos próprios para realizar investimentos.*** Porém, a falta de acesso a fontes de recursos privados de terceiros, devido ao elevado custo, somado a dificuldade de acesso aos recursos do BNDES fazem com que o problema de *funding* seja pior nos setores onde predominam empresas menores.
- Neste ano, diante de um ambiente externo adverso, da valorização cambial e da falta de efetividade das políticas expansionistas, ***a maioria dos setores intensificará as estratégias defensivas, ou seja, focando na eficiência produtiva em detrimento da expansão de mercado.*** Assim, a necessidade de modernização da produção se destaca na maioria dos setores, frente às dificuldades de se proteger o mercado interno das importações.
- Apesar das estratégias de investimento variar entre os setores, ***os tributos, ao passo que incidem predominantemente sobre a indústria, são apontados por todos os setores como principal limitante aos investimentos.*** A elevada carga retira recursos que poderiam ser investidos e acabam limitando a ampliação da capacidade de produção da indústria, comprometendo o crescimento econômico.
- ***Os principais fatores que estimulariam novos investimentos seriam a redução da carga tributária e da taxa de juros SELIC.*** Adicionalmente, a melhoria dos mecanismos de proteção e defesa comercial junto a importações, o aumento do crédito para o consumidor e uma maior taxa de crescimento da economia seriam fundamentais para estimular as inversões na maioria dos setores.

Sumário

Sumário Executivo	3
Sumário	5
Apresentação	6
1. Cenário econômico e evolução do investimento	7
2. Estrutura dos investimentos	9
2.1. Destino dos Recursos	9
2.1.1. Máquinas e Equipamentos	10
2.1.2. Gestão	11
2.1.3. Inovação	12
2.1.4. Pesquisa e Desenvolvimento	13
2.2. Origem dos Recursos	14
3. Estratégias	17
3.1. Eficiência Produtiva X Aumento de Mercado	18
3.2. Modernização da Produção X Aumento da Capacidade	19
3.3. Inovações e Melhorias: Produto X Processo	21
3.4. Estratégias dos setores	23
3.5. Limitantes ao investimento	24
Anexos	27

Apresentação

A *Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2012 – Análise Geral* demonstrou que o investimento industrial deve se reduzir 3,4% entre 2011 e 2012, com especial retração para as inversões em máquinas e equipamentos, que deve chegar ser 11,0% inferior neste ano, evidenciando os impactos do menor dinamismo internacional, da valorização cambial e dos mecanismos de defesa comercial pouco eficientes sobre a competitividade industrial.

Verificou-se também que as empresas devem apresentar estratégias defensivas em 2012, voltando seus investimentos para redução de custo e eficiência produtiva, em detrimento da expansão de mercado. Isso decorre, de acordo com os empresários, de uma menor demanda pelos produtos nacionais nos mercados interno e externo e de uma maior pressão dos produtos importados sobre o custo de produção no país, que não é isonômico, pois as empresas nacionais se defrontam com restrições ao crédito e infraestrutura inadequada, além de pagarem elevados tributos.

Apesar de ser uma característica geral para indústria de transformação, uma análise setorial permite verificar que há importantes diferenças nas estratégias empresariais, a depender da estrutura de demanda e da estrutura de mercado de cada segmento. Como alguns setores se defrontam com maior ou menor pressão dos importados, tem escala de produção e apresentam diferentes restrições internas à produção, as perspectivas para 2012 se diferem substancialmente, refletindo em especificidades na disposição a investir.

Diante disso, o presente relatório buscará analisar as perspectivas dos setores, enfatizando como cada um deve reagir às novas condições internas e externas e, com base nisso, o buscará se avaliar as estratégias de investimento em cada uma das distintas atividades econômicas.

Assim como na análise geral, a análise setorial tomará como base a pesquisa realizada pela FIESP em conjunto com a D'Fatto, que foi realizada junto a 1.202 empresas. As empresas foram divididas em setores de atividade econômica de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) do IBGE para facilitar comparações e posteriores análises.

1. Cenário econômico e evolução do investimento

Durante o ano de 2011 o mercado internacional passou por importantes transformações que resultaram em uma nova dinâmica do comércio internacional, impactando diretamente na competitividade setorial brasileira. A estagnação das economias europeias (devido às crises fiscais), em paralelo com o menor crescimento dos Estados Unidos e Japão levou a redução da demanda interna dos países desenvolvidos e, portanto, elevou a necessidade desses países exportarem seus produtos industriais para que se minimizassem as perdas em termos do PIB. Políticas monetárias expansionistas, que visaram recuperar a competitividade do setor industrial desses países por meio da valorização cambial colocaram as economias emergentes como o principal destino das suas exportações.

Porém, enquanto os países asiáticos enfrentaram essa avalanche de bens comercializáveis no comércio internacional por meio da desvalorização de suas moedas, o Brasil, no sentido oposto, elevou sua taxa de juros no começo do ano (sob o argumento de que deveria conter a aceleração inflacionária) atraindo capitais e valorizando sua moeda. O resultado dessa valorização em um ambiente hostil à produção foi uma perda ainda maior de mercados para o setor industrial nacional nos principais segmentos, levando o país a um crescimento inferior ao projetado inicialmente, o que repercutiu diretamente sobre a taxa de investimento.

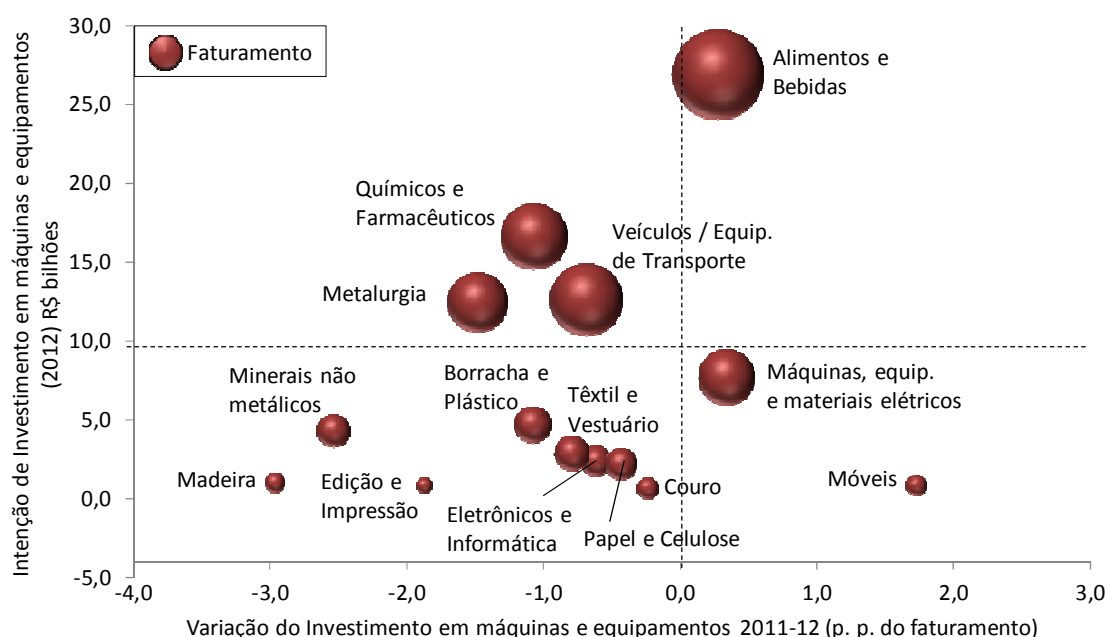
Somente no final de 2011 o Governo Federal reverteu a trajetória ascendente da taxa de juros SELIC e passou a estimular a produção por meio da desoneração e financiamento dos setores mais afetados pela crise. Porém, a pouca efetividade dessas medidas não permitiu uma reversão da queda da taxa de investimento e da produção industrial. No final de 2011 a taxa SELIC ainda era superior ao do início desse ano e as medidas de desoneração se limitaram a remoção de alguns entraves ao investimento e à inovação.

Na quase totalidade dos setores, a indústria brasileira passou a se defrontar com uma situação cujos limites à expansão se apresentam intransponíveis: a expansão para o mercado externo passou a ser limitada pela

falta de demanda nas principais economias e o crescimento do mercado interno, que poderia alavancar o setor industrial, passou a ser absorvido em grande medida pelas importações, diante do câmbio valorizado e da falta de mecanismos de defesa comercial.

Diante disso, conforme pode se verificar no gráfico abaixo, a tendência geral para o ano de 2012 deve ser a da redução da taxa de investimento em máquinas e equipamentos em relação ao faturamento (eixo horizontal). Isso é uma característica tanto dos setores de maior porte e que investem mais (eixo vertical), a exemplo de Químicos e farmacêuticos e Metalúrgicos, quanto em setores menores e que investem menos, como Madeira e Minerais não metálicos.

Gráfico 1 – Investimento em máquinas e equipamentos por setor (2011-12)



Fonte: Pesquisa D Fatto-FIESP;
Elaboração: Decomtec/FIESP

2. Estrutura dos investimentos

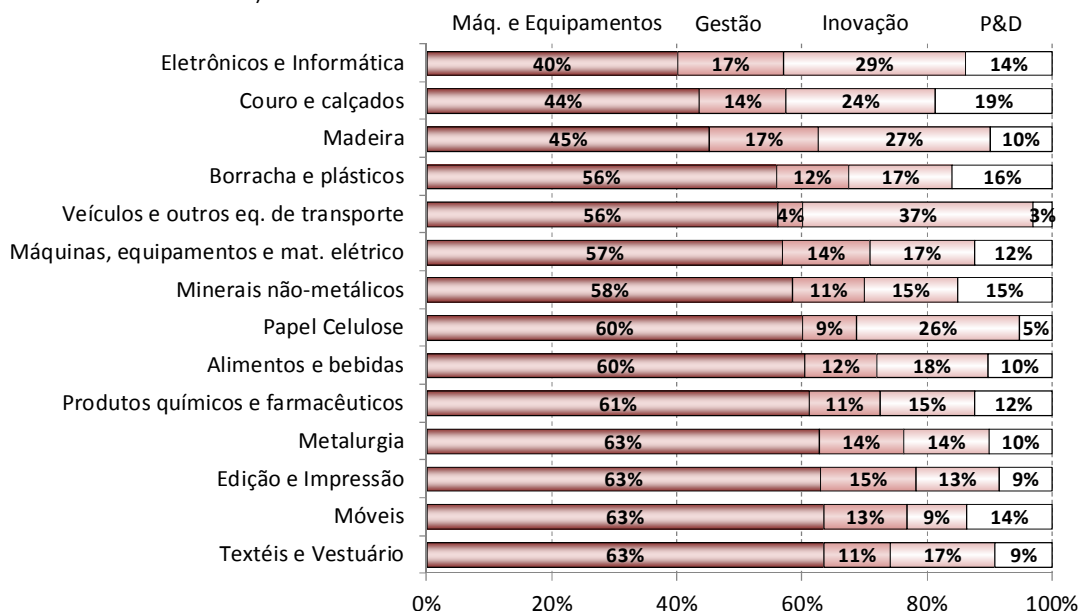
2.1. Destino dos Recursos

Além das diferenças entre o montante que os setores pretendem investir, a análise setorial dos investimentos apresenta também especificidades nos seus diferentes destinos, a saber: máquinas e equipamentos, gestão, inovação ou pesquisa e desenvolvimento.

Enquanto alguns setores como Veículos e Eletrônicos devem investir relativamente mais do que os demais em inovação e P&D, outros setores, como Metalurgia, Edição e Impressão, Móveis e Têxtil e vestuário, se comparado aos outros setores, devem investir mais em máquinas e equipamentos, conforme é apresentado no gráfico:

Gráfico 3 – Destino dos recursos

(em % do investimento total)



Fonte: Pesquisa D Fatto-FIESP;
Elaboração: Decomtec/FIESP

2.1.1. Máquinas e Equipamentos

O investimento em Máquinas e equipamentos, apesar de ter reduzido sua participação entre 2011 e 2012, ainda é o principal destino das inversões da indústria independente do setor que a empresa atua. De acordo com a *Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2012 – Análise Geral*, os investimentos em máquinas e equipamentos representarão 62% do total investido neste ano, enquanto tinham representado 67% no ano passado. Para alguns setores, entretanto, como Eletrônicos, Couro e Madeira, esse investimento tem uma importância menor no total, representando menos do que 50% do total investido. Para outros, como Metalurgia, Edição e Impressão, Móveis e Têxtil e vestuário, esse destino deve atingir quase dois terços do total investido neste ano.

Apesar da queda da expectativa do investimento em máquinas e equipamentos dos setores Químico e farmacêutico e do setor de Veículos, o aumento da participação dos investimentos em Alimentos e bebidas fez com que as inversões continuassem concentradas nesses três grandes setores, que devem passar a ser responsáveis por mais de 60% dos investimentos industriais, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 – Investimento em Máquinas e Equipamentos

	2011			2012			Var. % 2010-11
	R\$ bi	Part.	Acum.	R\$ bi	Part.	Acum.	
Alimentos e bebidas	27,00	27,7%	27,7%	28,94	32,3%	32,3%	7,2%
Químicos e farmacêuticos	16,72	17,2%	44,9%	14,47	16,1%	48,4%	-13,5%
Veículos/outros eq. transp.	12,70	13,1%	58,0%	10,95	12,2%	60,6%	-13,8%
Metalurgia	12,54	12,9%	70,9%	9,83	11,0%	71,5%	-21,6%
Máquinas, eq. e mat. elétrico	7,78	8,0%	78,9%	8,58	9,6%	81,1%	10,2%
Borracha e plásticos	4,78	4,9%	83,8%	4,06	4,5%	85,6%	-15,2%
Minerais não-metálicos	4,39	4,5%	88,3%	2,89	3,2%	88,9%	-34,1%
Têxteis e Vestuário	2,94	3,0%	91,3%	2,47	2,7%	91,6%	-16,1%
Eletrônicos e Informática	2,48	2,6%	93,9%	2,22	2,5%	94,1%	-10,6%
Papel Celulose	2,26	2,3%	96,2%	2,08	2,3%	96,4%	-8,3%
Móveis	0,90	0,9%	97,1%	1,32	1,5%	97,9%	47,4%
Couro e calçados	0,76	0,8%	97,9%	0,71	0,8%	98,7%	-6,1%
Edição e Impressão	0,92	0,9%	98,9%	0,68	0,8%	99,4%	-26,7%
Madeira	1,11	1,1%	100%	0,53	0,6%	100%	-52,2%

(*) Foram excluídos os setores de Coque, Refino de Petróleo, Fumo, Reciclagem e Diversos devido à restrição amostral

Fontes: Pesquisa FIESP-H2R, PIA/IBGE, IPA/FGV, PIM/IBGE; Elaboração: Decomtec/FIESP

A concentração dos investimentos nos setores de Alimentos e bebidas, Químico e farmacêutico e no setor de Veículos é a principal característica do investimento em máquinas e equipamentos. Em 2011 esses setores representaram 58,0% desse tipo de investimento e em 2012 devem ampliar sua participação para mais de 60%. Além disso, podem se destacar os setores de Máquinas e equipamentos e Móveis, que ampliarão seus investimentos em 10,2% e 47,2%, respectivamente.

2.1.2. Gestão

Apesar de terem se mantido estagnados para a indústria geral, os investimentos em gestão, essenciais para produção mais eficiente, devem se ampliar significativamente em alguns setores, tais como: Alimentos e bebidas (aumento de 20,6%), Metalurgia (27,2%), Máquinas e equipamentos (31,8%), e, principalmente, Eletrônicos e informática (189,6%).

Tabela 2 – Investimento em Gestão

	2011			2012			Var. % 2010-11
	R\$ bi	Part.	Acum.	R\$ bi	Part.	Acum.	
Alimentos e bebidas	4,59	25,4%	25,4%	5,54	32,2%	32,2%	20,6%
Químicos e farmacêuticos	3,22	17,8%	43,2%	2,67	15,6%	47,8%	-17,1%
Metalurgia	1,68	9,3%	52,5%	2,13	12,4%	60,3%	27,2%
Máquinas, eq. e mat. elétrico	1,59	8,8%	61,4%	2,10	12,2%	72,5%	31,8%
Eletrônicos e Informática	0,33	1,8%	63,2%	0,94	5,5%	78,0%	189,6%
Borracha e plásticos	0,90	5,0%	68,1%	0,84	4,9%	82,9%	-6,3%
Veículos/outros eq. transporte	3,23	17,9%	86,0%	0,78	4,5%	87,4%	-75,8%
Minerais não-metálicos	0,66	3,6%	89,6%	0,57	3,3%	90,7%	-13,6%
Têxteis e Vestuário	0,54	3,0%	92,6%	0,42	2,4%	93,2%	-23,1%
Papel Celulose	0,54	3,0%	95,6%	0,30	1,8%	94,9%	-43,7%
Móveis	0,26	1,4%	97,0%	0,28	1,6%	96,5%	7,3%
Couro e calçados	0,16	0,9%	97,9%	0,23	1,3%	97,8%	39,5%
Madeira	0,26	1,4%	99,3%	0,20	1,2%	99,0%	-20,8%
Edição e Impressão	0,12	0,7%	100%	0,16	1,0%	100%	39,4%

(*) Foram excluídos os setores de Coque, Refino de Petróleo, Fumo, Reciclagem e Diversos devido à restrição amostral

Fontes: Pesquisa FIESP-H2R, PIA/IBGE, IPA/FGV, PIM/IBGE; Elaboração: Decomtec/FIESP

Por outro lado, os setores que mais devem reduzir os investimentos em gestão entre 2011 e 2012 devem ser o de Veículos, que investiu R\$ 3,23 bilhões no ano passado e esse ano deve investir apenas R\$ 0,78 bilhão (redução de 75,8%) e de Papel e Celulose (redução de 43,7%):

2.1.3. Inovação

Os investimentos em inovação, seja em produtos ou em processos, devem ser os que mais se ampliarão entre 2011 e 2012. Segundo a análise geral da pesquisa, se no ano passado foram investidos R\$ 19,6 bilhões em inovação, em 2012 esses investimentos devem atingir R\$ 25,1 bilhões, o que significa um aumento de 28,0%.

Esses investimentos já haviam se elevado no ano passado, conforme tinha demonstrado a *Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2011*, e devem aumentar ainda mais em 2012, pois as empresas tem se preocupado com redução de custo por meio de inovações nos processos produtivos, visando torna-los mais eficientes, e, ademais, a maior concorrência com importados tem elevado a necessidade das empresas diferenciarem seus produtos ou criarem produtos novos com menores custos a fim de que se mantenham no mercado.

Assim como ocorreu nos investimentos em máquinas e equipamento e em gestão, o setor de Alimentos e bebidas destaca-se por ser o principal investidor em inovação (29,5% do total) e também por ampliar seus investimentos de R\$5,73 bilhões para R\$ 8,48 bilhões (aumento de 47,9%). Além desse setor, os investimentos em inovação dos setores de Veículos (que deve aumentar 122,4%), de Máquinas, equipamentos e materiais elétricos (56,3%), Eletrônicos e informática (149,9%) e outros setores de menor participação também devem se ampliar significativamente entre 2011 e 2012.

Apesar desse aumento generalizado, porém, os investimentos em inovação permanecerão concentrados nos mesmos três setores que mais investem, a saber: Alimentos e bebidas, Veículos e Químico e farmacêuticos,

os quais, em conjunto devem representar 64,0% dos investimentos industriais nessa área, ou seja, quase dois terços do total analisado pela pesquisa.

Apenas o setor de Madeira deve reduzir os investimentos em inovação entre 2011 e 2012. Seu investimento nessa área, que era baixo em 2011 (apenas R\$ 0,48 bilhão) deve se reduzir para R\$ 0,32 bilhão, o que significa uma queda de 33,5%.

Tabela 3 – Investimento em Inovação

	2011			2012			Var. % 2010-11
	R\$ bi	Part.	Acum.	R\$ bi	Part.	Acum.	
Alimentos e bebidas	5,73	29,5%	29,5%	8,48	28,2%	28,2%	47,9%
Veículos/outros eq. transp.	3,22	16,6%	46,1%	7,16	23,8%	52,1%	122,4%
Químicos e farmacêuticos	3,01	15,5%	61,6%	3,60	12,0%	64,0%	19,5%
Máquinas, eq. e mat. elétrico	1,61	8,3%	69,9%	2,52	8,4%	72,4%	56,3%
Metalurgia	1,79	9,2%	79,1%	2,13	7,1%	79,5%	19,0%
Eletrônicos e Informática	0,64	3,3%	82,4%	1,61	5,3%	84,9%	149,9%
Borracha e plásticos	1,03	5,3%	87,7%	1,20	4,0%	88,9%	17,0%
Papel Celulose	0,21	1,1%	88,8%	0,90	3,0%	91,9%	330,5%
Minerais não-metálicos	0,68	3,5%	92,3%	0,73	2,4%	94,3%	7,8%
Têxteis e Vestuário	0,56	2,9%	95,2%	0,65	2,2%	96,5%	15,6%
Couro e calçados	0,17	0,9%	96,1%	0,39	1,3%	97,8%	124,9%
Madeira	0,48	2,5%	98,6%	0,32	1,1%	98,9%	-33,5%
Móveis	0,15	0,8%	99,4%	0,20	0,7%	99,5%	28,3%
Edição e Impressão	0,12	0,6%	100%	0,14	0,5%	100%	16,7%

(*) Foram excluídos os setores de Coque, Refino de Petróleo, Fumo, Reciclagem e Diversos devido à restrição amostral

Fontes: Pesquisa FIESP-H2R, PIA/IBGE, IPA/FGV, PIM/IBGE; Elaboração: Decomtec/FIESP

2.1.4. Pesquisa e Desenvolvimento

Para sustentar sua competitividade no longo prazo, assim como são os investimentos em inovação, também são fundamentais os investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento e, novamente aqui, o setor de Alimentos e bebidas é o que mais deve investir, além de ser também um dos que mais devem ampliar o montante investido (em 2011 o setor investiu R\$ 4,69 bilhões e em 2012 deve investir 4,98 bilhões – o que significa R\$ 0,29 bilhão a mais). Outro setor que deve ampliar significativamente suas inversões em P&D deve ser o de Máquinas, equipamentos e materiais elétricos, que investiu R\$ 1,44 bilhão em 2011, e deve investir R\$ 1,88 bilhão neste ano.

O setor Químico e farmacêutico, que tem por tradição investir significativamente em P&D, deve ser o segundo que mais investirá em 2012 (R\$ 2,94 bilhões), perdendo apenas para o setor de Alimentos e bebidas. Esse setor, porém, deve reduzir suas inversões em P&D, assim como deve fazer também outro tradicional investidor nessa área: o setor de Veículos, que em 2011 tinha investido R\$ 2,3 bilhões e era o terceiro maior, deve reduzir suas inversões para R\$ 0,62 bilhão em 2012 (uma queda de 73,2%).

Tabela 4 – Investimento em P&D

	2011			2012			Var. % 2010-11
	R\$ bi	Part.	Acum.	R\$ bi	Part.	Acum.	
Alimentos e bebidas	4,69	28,9%	28,9%	4,98	31,1%	31,1%	6,1%
Químicos e farmacêuticos	2,97	18,3%	47,3%	2,94	18,3%	49,4%	-1,2%
Máquinas, eq. e mat. elétrico	1,44	8,9%	56,2%	1,88	11,7%	61,1%	30,1%
Metalurgia	1,82	11,2%	67,4%	1,59	9,9%	71,0%	-12,7%
Borracha e plásticos	0,61	3,8%	71,2%	1,16	7,3%	78,3%	89,5%
Eletrônicos e Informática	0,67	4,1%	75,3%	0,77	4,8%	83,1%	15,4%
Minerais não-metálicos	0,84	5,2%	80,5%	0,75	4,7%	87,8%	-10,5%
Veículos/outros eq. transporte	2,30	14,2%	94,7%	0,62	3,8%	91,6%	-73,2%
Têxteis e Vestuário	0,27	1,7%	96,4%	0,36	2,2%	93,9%	31,2%
Couro e calçados	0,15	0,9%	97,3%	0,30	1,9%	95,8%	101,4%
Móveis	0,12	0,7%	98,1%	0,29	1,8%	97,5%	139,9%
Papel Celulose	0,10	0,6%	98,7%	0,18	1,1%	98,7%	81,4%
Madeira	0,14	0,9%	99,5%	0,12	0,7%	99,4%	-15,7%
Edição e Impressão	0,07	0,5%	100%	0,09	0,6%	100%	23,5%

(*) Foram excluídos os setores de Coque, Refino de Petróleo, Fumo, Reciclagem e Diversos devido à restrição amostral

Fontes: Pesquisa FIESP-H2R, PIA/IBGE, IPA/FGV, PIM/IBGE; Elaboração: Decomtec/FIESP

2.2. Origem dos Recursos

Independente do setor, a principal fonte de recursos em 2011 foi o caixa da própria empresa. De acordo com a pesquisa geral, 68,8% do investimento das empresas foi realizado com recursos próprios, enquanto os recursos privados de terceiros representaram 16,6% e os públicos, 14,6%.

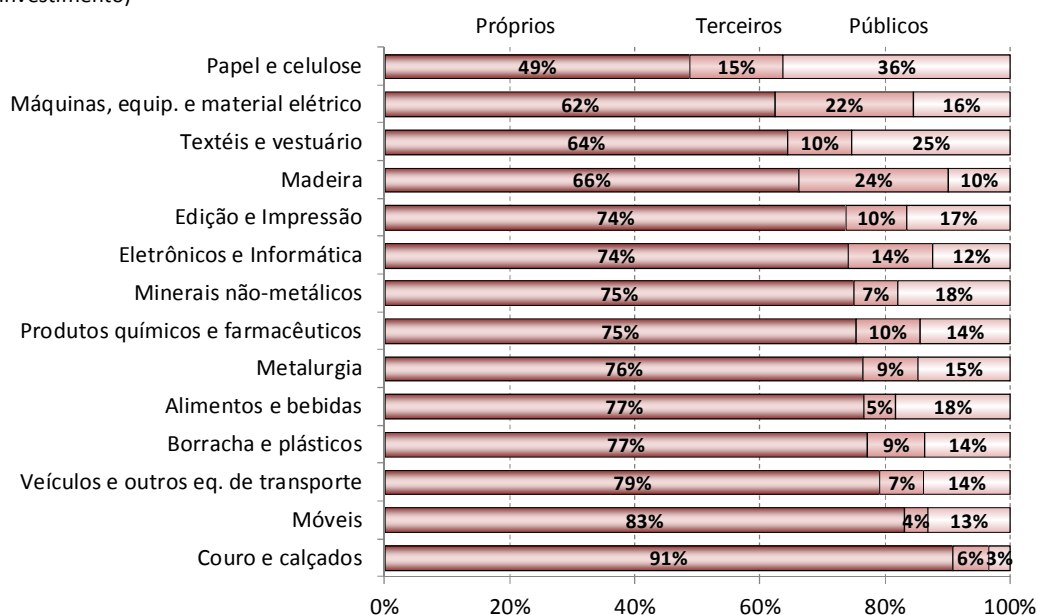
Em 2012, a situação não será diferente: apesar dos recursos próprios terem sua participação reduzida no *funding* das empresas (representará 64,3%), perdendo espaço para tanto para os recursos públicos (que devem

representar 15,0%), quanto para os recursos privados (que devem representar 20,7%), eles ainda serão a principal fonte de recursos.

Não por acaso, independente do setor analisado, o que se terá é uma participação elevada dos recursos próprios em relação às demais fontes e, com exceção do setor de Papel e Celulose, em que esses recursos representam 49% do financiamento, em todos os outros, mais da metade do investimento terá como fonte os recursos da própria empresa, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Origem dos Recursos

(% do Investimento)



Fonte: Pesquisa D Fatto-FIESP;
Elaboração: Decomtec/FIESP

Os setores produtores de Couro e calçados e de Móveis são os que mais dependerão dos recursos próprios para a realização de investimentos. De acordo com os empresários, esses recursos deverão financiar 91% e 83% do investimento desses setores, respectivamente. A parcela de financiamento público para o setor de Couro e calçados é bastante restrita e não deve ultrapassar 3% do investimento. Isso ocorre em menor grau também para os

setores de Madeira, Eletrônicos e Informática e Móveis, cuja parcela do financiamento público no total do investimento varia entre 10% e 13%..

No caso do setor de Madeira, assim como ocorre também com Máquinas, equipamentos e material elétrico, vale notar, entretanto, que se espera contar com uma parcela relevante de financiamento privado de terceiros. De acordo com o empresariado, 24% do investimento do setor de Madeira e 22% do investimento do setor de Máquinas, equipamentos e material elétrico devem ser realizados com recursos provados de terceiros.

Dependerão de recursos públicos para investir, além do setor de Papel e Celulose, que se utilizará significativamente de recursos privados, principalmente os setores de Têxteis e vestuário, Minerais não metálicos, Alimentos e bebidas e Edição e impressão. A presença de pequenas empresas sem capacidade de conseguir financiamentos alternativos a baixo custo ou de autofinanciar suas inversões são os principais motivos para a dependência dos recursos públicos.

Ocorre, entretanto, que para a maior parte das empresas dos setores como Minerais não metálicos e Edição e impressão, o acesso aos recursos públicos é limitado em função da predominância PMEs. Assim, faz-se necessário a ampliação e a desburocratização dos financiamentos públicos, seja do BNDES ou da FINEP, especialmente para empresas menores e para setores em que essas empresas são predominantes.

3. Estratégias

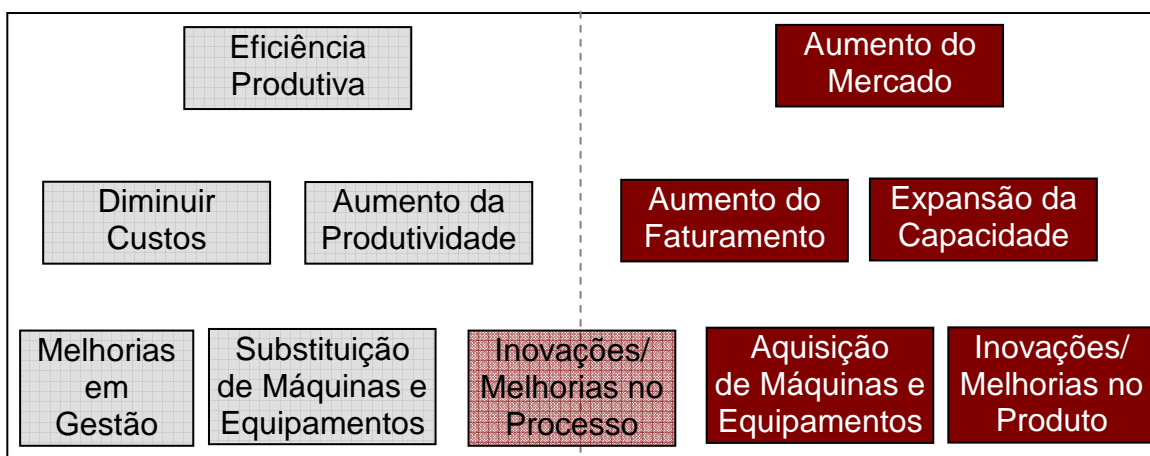
As diferentes estratégias de investimento dos setores são bastante relevantes para definição das políticas industriais a serem adotadas e das medidas de incentivo às inversões..

Com o objetivo de analisar essas estratégias, verificando setorialmente as principais características do investimento a ser realizado em 2012, a Pesquisa FIESP questionou o empresariado sobre os objetivos, as necessidades e os limitantes do investimento, além dos fatores que contribuiriam para alavancá-lo.

Assim como foi apresentado na *Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2012 – Análise Geral*, as estratégias foram divididas em duas estruturas básicas distintas: uma voltada para eficiência produtiva, na qual a redução de custos e o aumento da produtividade são principais objetivos; e outra voltada para expansão do mercado, na qual os principais objetivos são o aumento do faturamento e da rentabilidade.

A estratégia voltada para a eficiência produtiva depende especialmente de melhorias em gestão e da substituição de máquinas e equipamentos obsoletos, enquanto que a estratégia voltada para o aumento do mercado depende de inovações e melhorias nos produtos e da aquisição de máquinas e equipamentos, conforme estrutura abaixo:

Gráfico 4 – Estrutura das estratégias

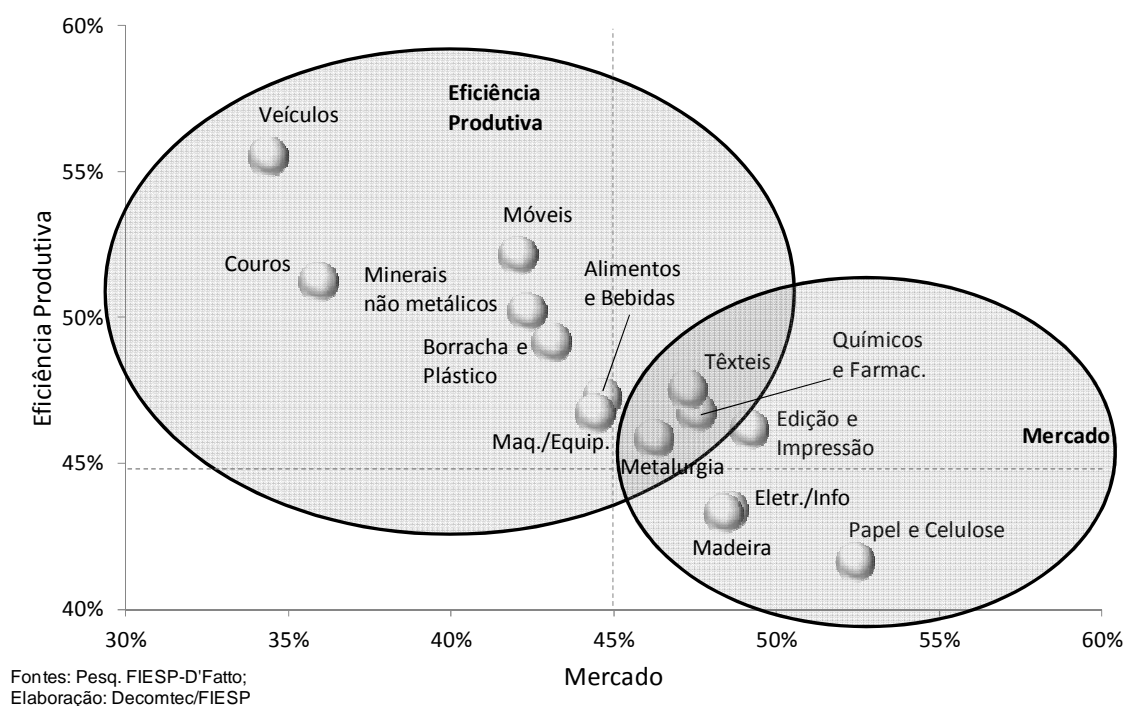


3.1. Eficiência Produtiva X Aumento de Mercado

A tendência geral do setor industrial no Brasil – e que pode ser verificada em quase todos os setores individualmente – foi a de intensificação, entre 2011 e 2012, das estratégias voltadas para eficiência produtiva, por meio de redução de custos e ajustes de produção.

Se em 2011 os setores adotaram estratégias mais defensivas, especialmente devido ao aumento da SELIC e de medidas macroprudenciais, neste ano, diante de um ambiente externo adverso, da valorização cambial e da falta de efetividade das políticas expansionistas, a maioria dos setores intensificará as estratégias defensivas, ou seja, focando na eficiência produtiva. Alguns setores, porém, apresentam estratégias mais ofensivas, voltadas para a expansão de mercado, conforme gráfico:

Gráfico 5 – Objetivos dos Investimentos



Na parte superior à esquerda do gráfico estão os setores cuja estratégia é mais voltada para eficiência produtiva, ou seja, cujos objetivos principais são o aumento da produtividade, a redução de custo e a adequação do produto para concorrência. Aparece exclusivamente nessa situação a maior parte dos setores: Veículos, Couros, Móveis, Minerais não metálicos, Borracha e plástico, Alimentos e bebidas e Máquinas, equipamentos e materiais elétricos. Porém, conforme pode ser visualizado, isso não significa que esses setores não tenham preocupação com o mercado, apenas predomina a preocupação com a Eficiência Produtiva.

Na parte inferior à direita do gráfico, por sua vez, encontram-se os setores cuja estratégia é predominantemente voltada para a expansão de mercado, ou seja, os setores que têm como objetivo ao investir expandir a produção, aumentar a participação de mercado ou seu faturamento e rentabilidade. Apenas quatro setores encontram-se exclusivamente nessa situação, são eles: Papel e celulose, Madeira, Eletrônicos e informática e Edição e impressão. Apesar disso, conforme pode ser visualizado, esses setores não deixam de ter uma importante preocupação com a eficiência no processo produtivo.

Vale notar, ainda, que alguns setores apresentam-se em situação que tanto a preocupação com o mercado e quanto a preocupação com a eficiência produtiva são bastante relevantes e não se sobressaem; como é caso dos setores de Têxteis, Metalurgia e Químico e farmacêutico. Nesses setores, o aumento do mercado, a expansão da produção e a eficiência nessa produção são estratégias em equilíbrio e, portanto, são essenciais para o bom resultado.

3.2. Modernização da Produção X Aumento da Capacidade

Para atender esses objetivos, entretanto, os setores apontam necessidades diferentes. Conforme enunciado no *Gráfico 4*, os setores cujas estratégias são mais voltadas para eficiência produtiva destinam seus investimentos para Melhorias de Gestão e Substituição de Máquinas, enquanto

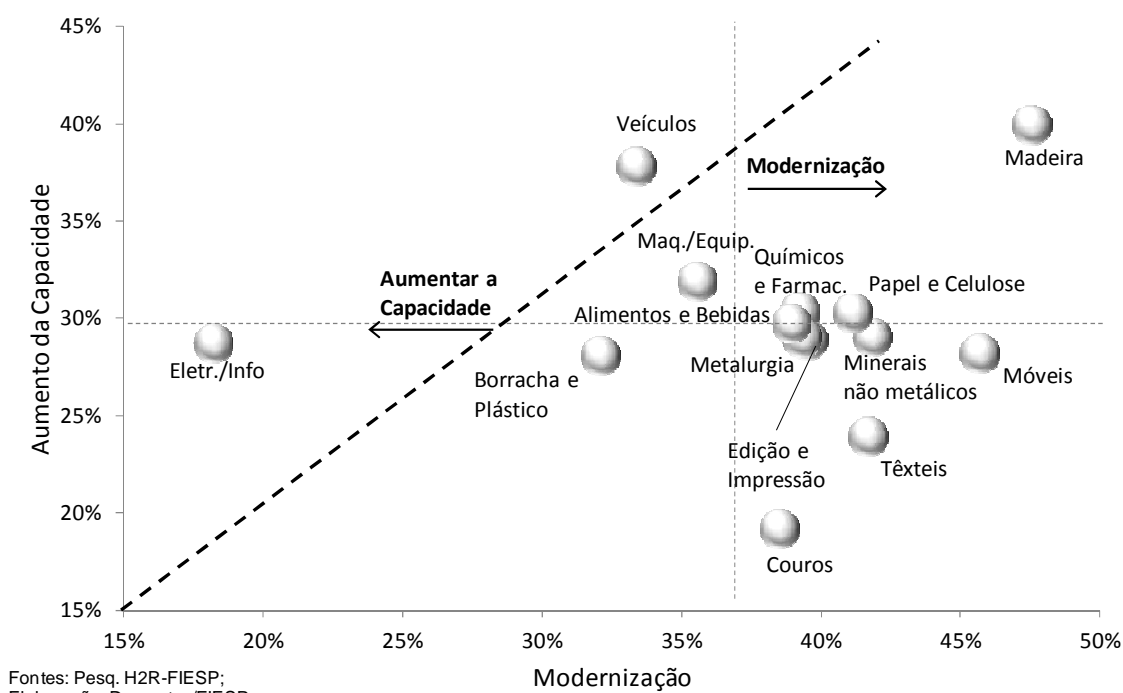
os que tem estratégias voltadas para o mercado focam Inovações e Melhorias de Produtos e Aquisição de Máquinas e Equipamentos.

Com o objetivo de analisar quais são as necessidades apontadas pelos setores, diante das suas estratégias para realização dos investimentos, foram separadas as necessidades dos setores de acordo com a seguinte estrutura:

- Os setores que apontam como necessidades a Substituição de Maquinário obsoleto ou Reformas e Melhorias das Instalações são classificados dentro de Modernização da Produção;
- Os setores que apresentam como necessidades a Aquisição de Máquinas e Equipamentos ou Aumento da planta industrial são classificados como Aumento da Capacidade.

Com relação à oposição entre os investimentos voltados para Modernização da Produção e os investimentos destinados ao Aumento da Capacidade, os setores se distribuem de forma bastante concentrada na Modernização, conforme apresenta gráfico abaixo::

Gráfico 6 – Modernização da Produção X Aumento da Capacidade



Os únicos setores que se destacam no sentido do aumento da capacidade produtiva são: Eletrônicos e informática e Veículos. Essas indústrias devem se aproveitar do crescente número de políticas que tem sido feito para incentivá-las, tanto no âmbito federal, quanto no âmbito dos Estados, para aumentar sua capacidade de produção. Em ambos os setores, os ajustes em termos de modernização produtiva são contínuos e vem sendo feito há anos, devendo ser o aumento da capacidade, no caso de Veículos, a principal fonte de eficiência produtiva (devido à necessidade de escalas), e, no caso de Eletrônicos e informática, a principal fonte para a absorção de mercado doméstico.

Em contraposição, a necessidade de modernização da produção se destaca na maioria dos setores, o que reflete as expectativas de redução de mercado e, em especial, o ambiente sistêmico adverso esperado para 2012. Diante de um câmbio valorizado e da dificuldade em se proteger o mercado interno das importações, a elevada penetração de produtos importados tem levado as empresas investirem na modernização da sua produção em detrimento do aumento de capacidade.

3.3. Inovações e Melhorias: Produto X Processo

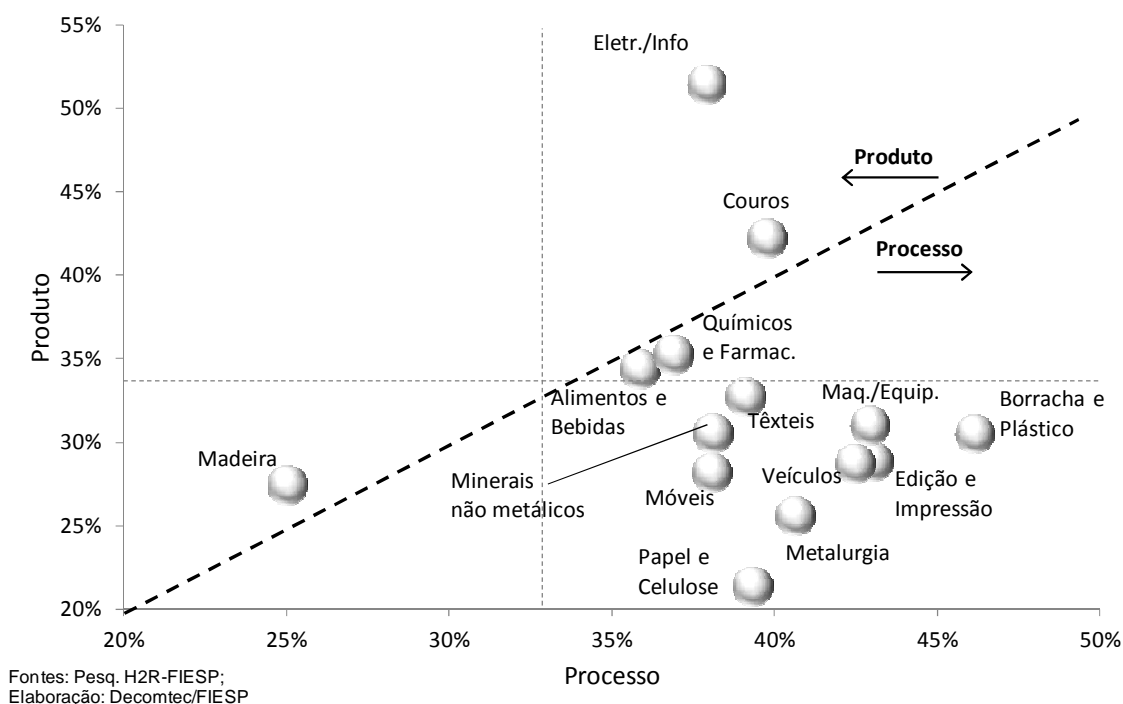
Na análise sobre como realizarão esses investimentos, por sua vez, os setores que apresentam como necessidades:

- Melhorias de Gestão ou Inovações e Melhorias de Processos, as quais são classificados dentro de Processos;
- Finalmente, os setores que apontam Inovações ou melhorias de produtos ou Desenvolvimento de novos Produtos são classificados dentro de Produtos.

Com relação à oposição das inversões destinadas à melhoria nos processos produtivos (que incluem os investimentos em gestão) e das inversões destinadas às inovações, melhorias e desenvolvimento de produtos, os setores se distribuem também de forma predominantemente defensiva, voltando-se para a melhoria de processos e de gestão. Porém, alguns setores devem investir com estratégias voltadas a melhoria de produto.

Destacam-se nesse sentido os setores de Eletrônicos e informática, Couro e calçados e Madeira, que apresentam uma preocupação relativamente maior com a produção e desenvolvimento de novos produtos, ainda que os processos sejam relevantes. No caso dos setores de Eletrônicos e informática e de Couro e calçados, a elevada penetração de importados deve ser combatida por investimentos voltados para sofisticação dos produtos, seja para ampliar mercado (caso de Eletrônicos e informática) ou para melhorar a eficiência através de produtos que consumam menos insumos e dependam menos da mão de obra (caso de Couros e calçados).

Gráfico 7 – Produto X Processo



Os demais setores devem investir com foco na melhoria de processos e de gestão. Num contexto em que a concorrência por preço se faz cada vez mais presente, diante da maior penetração dos produtos importados, esses setores se destacam dos demais, preocupando-se em investir na produção mais eficiente e, portanto, o investimento em melhores processos produtivos é fundamental.

3.4. Estratégias dos setores

A matriz abaixo sintetiza as estratégias dos setores, permitindo-os agrupar de acordo com seus principais objetivos e necessidades:

Tabela 2 – Matriz de Estratégias dos Setores

		Eficiência Produtiva	Mercado
Modernização da Produção	Produtos	Couros e calçados	Madeira
	Processos / Gestão	Móveis, Químicos*, Alimentos e Bebidas, Metalurgia*, Têxtil*, Máquinas e Equipamentos, Borracha e Plástico	Edição e Impressão, Papel e Celulose, Químicos*, Têxtil*, Metalurgia*
Aumento da Capacidade	Produtos		Eletrônicos e Informática
	Processos / Gestão	Veículos	

(*) Os setores de Químicos, Têxtil e Metalúrgico estão conjuntamente em mercado e eficiência produtiva
Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo; Elaboração: Decomtec/FIESP

Em 2012, diante da piora do ambiente externo e da falta de efetividade das políticas internas de estímulo a expansão da indústria nacional, a estratégia defensiva de busca por eficiência produtiva via modernização da produção e melhoria nos processos deve predominar entre os setores.

As estratégias mais ofensivas devem se restringir a alguns poucos setores, em especial àqueles com políticas mais exclusivas, como o caso de Eletrônicos e informática ou que se valem de pouca concorrência externa, como Edição e impressão, Papel e celulose e Madeira.

No caso de Veículos, as políticas de estímulo e a atração de novas montadoras devem ser responsáveis por uma busca um pouco mais significativa na expansão da produção, mas o foco desses investimentos será principalmente para a garantia de maior eficiência produtiva, tanto por conta da necessidade de escala, como pela busca de instalação de sistemas produtivos mais modernos.

Finalmente, os setores Químico, Metalúrgico e Têxtil devem apresentar estratégias mistas, podendo se aproveitar de um mercado interno crescente para assumir uma estratégia mais ofensiva, mas devendo se preocupar paralelamente com a eficiência nos processos, principalmente devido ao risco de ter seus produtos substituídos pela importação.

3.5. Limitantes ao investimento

Apesar de apresentar diferenças nas estratégias, todos os setores têm como principal limitante aos investimentos a carga tributária. Os tributos, na medida em que incidem principalmente sobre o setor produtivo, retiram recursos que poderiam ser investidos e acabam limitando a ampliação da capacidade de produção da indústria, comprometendo o crescimento econômico.

Além da carga tributária, que é um fator estrutural da economia brasileira e cuja redução seria capaz de estimular setores estratégicos, outros fatores limitam os investimentos. A matriz abaixo demonstra o principal limitante aos investimentos (excluindo a carga tributária) para cada setor:

Tabela 3 – Principal limitante ao investimento (excl. Carga*)

Perda de mercado para importados	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	Taxa de juros da economia (SELIC)
Borracha e Plástico Eletrônicos e Informática Máq. e Equipamentos Metalurgia Papel e Celulose** Têxtil e Vestuário Veículos	Edição e Impressão Minerais não metálicos	Alimentos e Bebidas Couros Madeira** Móveis Químicos

(*) Excluindo-se carga tributária, que é o principal limitante para todos os setores.

(**) Papel e Celulose e Madeira tem outro limitante como segundo principal; apresenta-se o terceiro.

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo; Elaboração: Decomtec/FIESP

Pode-se verificar, a partir dessa matriz, a importância que a perda de mercado para produtos importados e o baixo crescimento da economia representam como limitante às inversões. A maior parte dos setores aponta a perda de mercado interno como principal limitante depois da carga tributária. Além disso, a elevada taxa de juros é apontada como um importante limitante para parte relativamente significativa dos setores, seja porque ela desestimula o crescimento do mercado interno, seja porque ela atrai capitais e valoriza a moeda doméstica, dificultando a absorção do mercado pela indústria nacional..

Diante desse quadro, independente do setor, os principais fatores que estimulariam novos investimentos seriam a redução da carga tributária e da taxa de juros SELIC. Além disso, a melhoria dos mecanismos de proteção e defesa comercial junto a importações, o aumento do crédito para o consumidor e uma maior taxa de crescimento da economia seriam fundamentais para estimular as inversões na maioria dos setores, conforme matriz abaixo:

Tabela 4 – Principal fator que estimularia o investimento (excl. Carga e SELIC*)

Mecanismos de proteção e defesa comercial	Aumento do crédito para o consumidor	Aumento da taxa de crescimento
Borracha e Plástico Eletrônicos e Informática Máq. e Equipamentos Metalurgia Têxtil e Vestuário	Couros Madeira	Alimentos e Bebidas Edição e Impressão Minerais não metálicos Móveis Papel e Celulose Químicos Veículos

(*) Excluindo-se carga tributária e a taxa de juros SELIC, que são os principais limitantes.

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo; Elaboração: Decomtec/FIESP

Esses fatores, que muitas vezes estão até inter-relacionados, são, portanto, a base para o crescimento equilibrado de longo prazo da economia, garantindo níveis de investimento elevados, os quais são essenciais para que a economia retome o ciclo virtuoso de crescimento sem pressões inflacionárias verificado nos anos anteriores à crise e no ano de 2010. Somente por meio do investimento é que a economia brasileira será capaz de superar as restrições impostas à sua expansão.

Anexos

Tabela 5 – Principais Estratégias de Alimentos e bebidas

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	73%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	50%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Taxa SELIC	55%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	54%	Reforma e melhoria das instalações	38%	Aumento da taxa de juros SELIC	51%	Diminuição da Carga Tributária	45%
Aumentar a produtividade	45%	Melhorias em gestão	34%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	30%	Menores exigências bancárias	27%
2012							
Diminuir os Custos	61%	Melhorias em gestão	42%	Carga tributária elevada	76%	Diminuição da Carga Tributária	70%
Aumentar a produtividade	51%	Reforma e melhoria das instalações	39%	Aumento da taxa de juros SELIC	49%	Diminuição da Taxa SELIC	41%
Aumentar participação de mercado	50%	Substituição de Máquinas obsoletas	39%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	34%	Aumento da taxa de crescimento	19%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 6 – Principais Estratégias de Borracha e plástico

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Aumentar a produtividade	56%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	45%	Carga tributária elevada	76%	Diminuição da Carga Tributária	60%
Expandir a capacidade de produção	51%	Substituição de Máquinas obsoletas	37%	Aumento da taxa de juros SELIC	38%	Diminuição da Taxa SELIC	46%
Diminuir os Custos	50%	Inovação ou melhoria em processos	36%	Perda de mercado para importados	33%	Aumento da taxa de crescimento	21%
2012							
Diminuir os Custos	63%	Inovação ou melhoria em processos	50%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Carga Tributária	68%
Aumentar a produtividade	56%	Substituição de Máquinas obsoletas	42%	Perda de mercado para importados	39%	Mecanismo de defesa comercial	30%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	45%	Melhorias em gestão	42%	Baixa taxa de crescimento da economia	32%	Diminuição da Taxa SELIC	29%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 7 – Principais Estratégias de Couros

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	74%	Inovação ou melhoria em produtos	48%	Carga tributária elevada	71%	Diminuição da Carga Tributária	60%
Aumentar participação de mercado	45%	Desenvolvimento de novos produtos	46%	Elevada taxa de juros SELIC	48%	Diminuição da Taxa SELIC	36%
Aumentar a produtividade	43%	Melhorias em gestão	40%	Perda de mercado para importados	43%	Aumento da taxa de crescimento	29%
2012							
Diminuir os Custos	64%	Inovação ou melhoria em produtos	51%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	69%
Aumentar a produtividade	54%	Melhorias em gestão	46%	Perda de mercado para importados	54%	Diminuição da Taxa SELIC	49%
Aumentar participação de mercado	41%	Substituição de Máquinas obsoletas	44%	Elevada taxa de juros SELIC	46%	Aumento do crédito ao consumidor	21%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 8 – Principais Estratégias de Edição e impressão

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	62%	Melhorias em gestão	51%	Carga tributária elevada	68%	Diminuição da Carga Tributária	62%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	53%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	42%	Elevada taxa de juros SELIC	42%	Diminuição da Taxa SELIC	57%
Aumentar a participação de mercado	53%	Inovação ou melhoria em processos	34%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	36%	Aumento da taxa de crescimento	23%
2012							
Diminuir os Custos	65%	Melhorias em gestão	53%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Carga Tributária	81%
Aumentar a produtividade	60%	Substituição de Máquinas obsoletas	47%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	39%	Diminuição da Taxa SELIC	32%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	43%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	46%	Falta/limitação de recursos próprios	37%	Aumento da taxa de crescimento	23%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 9 – Principais Estratégias de Eletrônicos, informática e comunicação

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	56%	Inovação ou melhoria em processos	50%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	53%
Aumentar a produtividade	50%	Inovação ou melhoria em produtos	34%	Perda de mercado para importados	38%	Diminuição da Taxa SELIC	44%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	50%	Reforma e melhoria nas instalações	34%	Baixa taxa de crescimento da economia	28%	Menores exigências bancárias	25%
2012							
Aumentar a participação de mercado	52%	Inovação ou melhoria em produtos	55%	Carga tributária elevada	82%	Diminuição da Carga Tributária	67%
Diminuir os Custos	48%	Desenvolvimento de novos produtos	48%	Perda de mercado para importados	42%	Mecanismo de defesa comercial	39%
Expandir a capacidade de produção	48%	Inovação ou melhoria em processos	42%	Elevada taxa de juros SELIC	39%	Diminuição da Taxa SELIC	33%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 10 – Principais Estratégias de Madeira

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	62%	Substituição de máquinas obsoletas	54%	Carga tributária elevada	67%	Diminuição da Carga Tributária	58%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	53%	Reformas e melhorias nas instalações	42%	Elevada taxa de juros SELIC	46%	Diminuição da Taxa SELIC	46%
Aumentar a produtividade	53%	Desenvolvimento de novos produtos	42%	Perda de mercado para importados	25%	Aumento da taxa de crescimento	21%
2012							
Expandir a capacidade de produção	65%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	60%	Carga tributária elevada	65%	Diminuição da Carga Tributária	60%
Aumentar a produtividade	60%	Reformas e melhorias nas instalações	50%	Falta/limitação de recursos próprios	55%	Diminuição da Taxa SELIC	40%
Diminuir os Custos	60%	Substituição de máquinas obsoletas	45%	Elevada taxa de juros SELIC	50%	Aumento do crédito ao consumidor	20%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 11 – Principais Estratégias de Máquinas, Equipamentos e Mat. Elétrico

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Aumentar a produtividade	51%	Inovação ou melhoria em produtos	43%	Carga tributária elevada	70%	Diminuição da Carga Tributária	55%
Diminuir os Custos	49%	Inovação ou melhoria em processos	38%	Elevada taxa de juros SELIC	40%	Diminuição da Taxa SELIC	40%
Expandir a capacidade de produção	49%	Melhorias em gestão	34%	Perda de mercado para importados	31%	Aumento da taxa de câmbio	19%
2012							
Aumentar a produtividade	54%	Melhorias em gestão	44%	Carga tributária elevada	76%	Diminuição da Carga Tributária	66%
Diminuir os Custos	53%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	43%	Perda de mercado para importados	40%	Diminuição da Taxa SELIC	30%
Aumentar a participação de mercado	49%	Inovação ou melhoria em processos	42%	Elevada taxa de juros SELIC	31%	Mecanismo de defesa comercial	30%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 12 – Principais Estratégias de Metalurgia

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	56%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	45%	Carga tributária elevada	73%	Diminuição da Carga Tributária	62%
Aumentar a produtividade	53%	Melhorias em gestão	45%	Elevada taxa de juros SELIC	42%	Diminuição da Taxa SELIC	41%
Expandir a capacidade de produção	46%	Inovação ou melhoria em processos	36%	Perda de mercado para importados	35%	Aumento da taxa de crescimento	20%
2012							
Aumentar a produtividade	56%	Substituição de máquinas obsoletas	44%	Carga tributária elevada	73%	Diminuição da Carga Tributária	67%
Diminuir os Custos	54%	Melhorias em gestão	41%	Perda de mercado para importados	42%	Diminuição da Taxa SELIC	32%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	51%	Inovação ou melhoria em processos	41%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	35%	Mecanismo de defesa comercial	28%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 13 – Principais Estratégias de Minerais não metálicos

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	64%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	49%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	64%
Aumentar a produtividade	55%	Melhorias em gestão	39%	Elevada taxa de juros SELIC	46%	Diminuição da Taxa SELIC	41%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	49%	Substituição de maquinário obsoleto	38%	Falta/limitação de recursos próprios	28%	Aumento da taxa de crescimento	20%
2012							
Diminuir os Custos	66%	Inovação ou melhoria em processos	51%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	67%
Aumentar a produtividade	55%	Substituição de maquinário obsoleto	42%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	34%	Diminuição da Taxa SELIC	40%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	49%	Reformas e melhorias nas instalações	42%	Falta/limitação de recursos próprios	33%	Aumento da taxa de crescimento	22%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 14 – Principais Estratégias de Móveis

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	57%	Melhorias em gestão	49%	Carga tributária elevada	94%	Diminuição da Carga Tributária	63%
Aumentar a participação de mercado	51%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	40%	Aumento da taxa de juros SELIC	57%	Diminuição da Taxa SELIC	60%
Expandir a capacidade de produção	51%	Desenvolvimento de novos produtos	34%	Falta/limitação de recursos próprios	23%	Aumento da taxa de crescimento	23%
2012							
Diminuir os Custos	63%	Reformas e melhorias nas instalações	48%	Carga tributária elevada	67%	Diminuição da Carga Tributária	74%
Aumentar a produtividade	61%	Substituição de maquinário obsoleto	43%	Elevada taxa de juros SELIC	41%	Diminuição da Taxa SELIC	59%
Expandir a capacidade de produção	52%	Melhorias em gestão	41%	Falta/limitação de recursos próprios	35%	Aumento da taxa de crescimento	17%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 15 – Principais Estratégias de Papel e Celulose

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	65%	Inovação ou melhoria em produtos	46%	Carga tributária elevada	83%	Diminuição da Carga Tributária	74%
Aumentar a participação de mercado	52%	Melhorias em gestão	46%	Elevada taxa de juros SELIC	57%	Aumento da taxa de crescimento	52%
Expandir a capacidade de produção	52%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	39%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	26%	Aumento da taxa de câmbio	17%
2012							
Diminuir os Custos	64%	Reformas e melhorias nas instalações	43%	Carga tributária elevada	89%	Diminuição da Carga Tributária	71%
Aumentar a participação de mercado	64%	Melhorias em gestão	43%	Baixa taxa de crescimento da economia	46%	Aumento da taxa de crescimento	32%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	46%	Substituição de maquinário obsoleto	39%	Perda de mercado para importados	43%	Diminuição da Taxa SELIC	29%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 16 – Principais Estratégias de Produtos Químicos

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Aumentar a participação de mercado	54%	Melhorias em gestão	43%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	62%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	53%	Inovação ou melhoria em processos	40%	Elevada taxa de juros SELIC	31%	Diminuição da Taxa SELIC	34%
Diminuir os Custos	50%	Inovação ou melhoria em produtos	38%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	30%	Aumento da taxa de crescimento	28%
2012							
Aumentar a produtividade	58%	Reformas e melhorias nas instalações	42%	Carga tributária elevada	81%	Diminuição da Carga Tributária	67%
Aumentar a participação de mercado	57%	Melhorias em gestão	38%	Elevada taxa de juros SELIC	33%	Diminuição da Taxa SELIC	38%
Diminuir os Custos	47%	Inovação ou melhoria em produtos	38%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	32%	Aumento da taxa de crescimento	26%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 17 – Principais Estratégias de Produtos Têxteis

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	54%	Substituição de maquinário obsoleto	39%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	58%
Aumentar a Produtividade	51%	Reformas e Melhoria das Instalações	39%	Perda de mercado para importados	37%	Diminuição da Taxa SELIC	46%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	44%	Melhorias em gestão	38%	Falta/limitação de Recursos Próprios	31%	Melhora na defesa comercial	21%
2012							
Diminuir os Custos	60%	Melhorias em gestão	45%	Carga tributária elevada	73%	Diminuição da Carga Tributária	64%
Aumentar a participação de mercado	56%	Substituição de maquinário obsoleto	43%	Perda de mercado para importados	36%	Diminuição da Taxa SELIC	35%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	46%	Reformas e Melhoria das Instalações	41%	Falta/limitação de Recursos Próprios	32%	Melhora na defesa comercial	35%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 18 – Principais Estratégias de Veículos / Equipamentos de Transporte

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2011							
Diminuir os Custos	56%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	61%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Carga Tributária	57%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	54%	Substituição de maquinário obsoleto	37%	Elevada taxa de juros SELIC	48%	Diminuição da Taxa SELIC	44%
Aumentar a Produtividade	51%	Reformas e Melhoria das Instalações	37%	Falta/limitação de Recursos Próprios	33%	Menores exigências bancárias	24%
2012							
Diminuir os Custos	70%	Melhorias em gestão	52%	Carga tributária elevada	73%	Diminuição da Carga Tributária	73%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	61%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	42%	Perda de mercado para importados	36%	Diminuição da Taxa SELIC	27%
Adequar para concorrer com importados	36%	Substituição de maquinário obsoleto	39%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	33%	Aumento da taxa de crescimento	24%

Fonte: Pesquisa FIESP-H2R e Pesquisa FIESP-D'Fatto; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 19 – Compatibilização dos setores com a CNAE 2.0 (IBGE)

Setor	Classificação CNAE 2.0 (IBGE)
Alimentos e bebidas	10 e 11
Borrachas e plásticos	22
Couros e calçados	15
Edição e impressão	18
Eletrônicos, informática e comunicação	26
Madeira	16
Máquinas, equipamentos e material elétrico	27 e 28
Metalurgia e obras de caldeiraria pesada	24 e 25
Minerais não metálicos	23
Móveis	31
Papel e celulose	17
Químicos e farmacêuticos	20 e 21
Têxteis e vestuário	13 e 14
Veículos / Outros Equipamentos de transporte	29 e 30
Não classificados / Amostra insuficiente	12, 19, 32 e 33

Elaboração: Decomtec/FIESP